



Unidade na ação, companheirismo, disciplina, harmonia, respeito, solidariedade, enfrentamento, tática, estratégia... Todas essas são características necessárias ao esporte e igualmente valiosas na atuação política.

Jogada de três pontos

Toni C*

Tchuf!

Antes mesmo de sair da minha mão eu já sabia que acertaria.

Tchuf! – Esse é o som da bola caindo certa no aro, passando pela redinha de ferro das quadras públicas do CDHU no Jd. Paulista, zona oeste de SP.

É o melhor som das manhãs de domingo.

Tiro de longa distancia nunca foi meu forte, ainda mais da zona morta.

Tchuf!

Mas hoje estou com boa pontaria...

Foi necessário mudar de escola para poder jogar na Federação Paulista de Basquete por três temporadas nas categorias mirins.

Soldar o aro e pintar a quadra da escola eram as ações sociais que fazíamos naqueles tempos, assim como arrancar a placa de trânsito do poste da rua, colocando no lugar uma tabela pra gente poder jogar.

Sempre fui jogador de contra-ataque, veloz, pulador. Apesar do corpo franzino de 1,73 de altura, já enterrei na cabeça de pivô de 2,05.

Meu passe valia naquela época

24 vales-transporte, que eu logo vendia. Ia a pé aos treinos. Foi quando me mudei para Carapicuíba.

Descobria na prática que o esporte profissional, de alto rendimento, é um investimento de longo prazo e com retorno incerto. Incompatível com a renda e as necessidades familiares.

Mais na frente conheci o movimento estudantil e, depois, uma grande entidade juvenil – a União da Juventude Socialista (UJS), que passei a integrar. Desenvolver a militância foi coisa sem maiores mistérios, porque aprendi a trabalhar em conjunto, graças ao esporte coletivo. Unidade na ação, companheirismo, disciplina, harmonia, respeito, solidariedade, enfrentamento, tática, estratégia... Todas essas são características necessárias ao esporte e igualmente valiosas na atuação política.

Apesar disso, os valores que acabam sendo fomentados pelas grandes indústrias ligadas ao esporte são os da vitória a qualquer preço, da rivalidade intolerante, da briga de torcidas, das fofocas dos jogadores. E o que é mesmo que é dito

nos meios de comunicação sobre a política? Que ela é só mesquinha, interesses pessoais, egoísmo, corrupção... Não é isso!?

Esporte e política

Tem quem diga que esporte e política são coisas que não se discute. Ainda mais os dois ao mesmo tempo. Será? Os que falam isso deveriam conhecer a biografia de Jesse Owens, que desbancou o todo poderoso Hitler durante os Jogos Olímpicos de Berlim. O nazista alemão se retirou do estádio para não premiar o atleta negro que conquistou quatro medalhas de ouro. Outra mostra da força política do esporte aconteceu no México, com o gesto no pódio de Tommie Smith – punho da mão direita fechado e erguido, envolvido por uma luva negra. Ele e John Carlos – este último com o punho esquerdo – faziam a saudação *black power*, associada ao movimento homônimo de contestação e denúncia do racismo nos Estados Unidos. Seu gesto no México em 1968 tornou-se um dos símbolos universais do esporte.

Foi jogando taco com os moleques – uma espécie de beisebol adaptado para as ruas do Brasil –, mas também handebol, vôlei, atletismo, ping-pong, bike e basquete, juntamente com a fanfarra da escola, o hip-hop, a literatura, os parceiros, a militância que aprendi a driblar as dificuldades do cotidiano de um jovem de periferia e contrariar as estatísticas.

Contraditoriamente, essa mesma militância me afastou das práticas esportivas. Uma vez ouvi a Juana Nunes, então presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubtes), relatar que era jogadora de voleibol no Rio de Janeiro. Largou o esporte por opção para se dedicar à militância. Acredito que ela, assim como eu, não se arrependeu da opção que fez. Hoje Juana tem uma importante função na rede, que não é a do vôlei, mas a dos pontos de cultura do MinC, espalhados pelo país.

Penso que a tendência futura seja a de que as pessoas consigam conciliar melhor a militância com suas outras práticas e tarefas. Novas áreas e formas de atuação mais diversas deverão desenvolver-se nesse sentido. Por outro lado, programas de políticas esportivas como o Esporte e Lazer, o Bolsa Atleta e o Segundo Tempo poderão permitir que pessoas de baixa renda possam ter práticas esportivas para além dos campinhos de terra. Só assim poderemos revelar bons tenistas, jogadores de golfe, de polo, pilotos de fórmula 1, jôqueis, esgrimistas e nadadores vindos também das periferias e das regiões rurais.

É por isso que países socialistas são grandes potências esportivas. Valorizam o esporte como meio de socialização, lazer e integração entre as pessoas. E a grande quantidade de praticantes de esporte de participação é que revela os atletas de alto rendimento.



Raquel Lima – Coord. Comunicação UFRJ

À direita: o famoso gesto de Tommie Smith e John Carlos nas Olimpíadas do México, 1968



Foi jogando taco com os moleques – uma espécie de beisebol adaptado para as ruas do Brasil –, mas também handebol, vôlei, atletismo, ping-pong, bike e basquete, juntamente com a fanfarra da escola, o hip-hop, a literatura, os parceiros, a militância que aprendi a driblar as dificuldades do cotidiano de um jovem de periferia e contrariar as estatísticas. Contraditoriamente, essa mesma militância me afastou das práticas esportivas.

NBA

Quando me perguntam para qual time eu torço, ouço sempre as mesmas coisas:

- U quê?
- Lakers?
- Você não é brasileiro não?

Tem que gostar de futebol...

Agora, podemos aprender até mesmo com a milionária liga de basquete norte-americana, a NBA, que desenvolveu mecanismos interessantes para favorecer a competitividade. É assim: o time que teve pior resultado na temporada tem mais acesso aos melhores novatos. Num processo chamado *draft*, o time campeão é o último da fila na renovação de jogadores. Também existe, além de um piso, um teto salarial que os times não podem ultrapassar. Ambas as medidas garantem razoável equilíbrio e uma melhor distribuição dos jogadores. O engraçado é que é a lógica inversa da do sistema capitalista, que é a da concentração e da prioridade para quem já tem muito – em detrimento de quem não tem nada.

E o melhor de tudo é que esses novos jogadores vêm de ligas universitárias muito bem estruturadas.

Que, por vezes, atraem mais atenção do público que os campeonatos profissionais. Nosso futebol, motivo de tanto orgulho, que revela os melhores jogadores do mundo, não tem toda essa organização. O resultado é que perdemos potencial.

A torcida

Já que estamos na pátria de chuteiras, as torcidas organizadas são uma forma legítima de mobilização popular. A briga, o vandalismo e a violência pelas quais passaram a ser conhecidas são ações de uma minoria amplificadas pela televisão, que segue mantendo o povo dividido. Essa teoria não é minha não, mas do conhecedor esportivo santista Marcelo Buraco.

Vai chegando a rapaziada e o jogo pra valer já vai começar. Sigo treinando arremessos de longa distância.

E fazendo essas reflexões...

Tchuf! 🗨️

* **Toni C.** é DJ e produtor. Autor do vídeo-documentário *É tudo nosso! O hip-hop fazendo história*. Organizador do ponto de cultura Hip-Hop a Lápis. Membro da Nação Hip-Hop Brasil e da equipe do Portal Vermelho.